

KURT

VONNEGUT



intrinseca

PIANO MECÂNICO

Piano mecânico

Kurt Vonnegut

tradução de

Daniel Pellizzari



Copyright © 1952, 1980 Kurt Vonnegut
Todos os direitos reservados.

TÍTULO ORIGINAL

Player Piano

PREPARAÇÃO

Fernanda Machtyngier

REVISÃO

Juliana Pitanga

Luiz Felipe Fonseca

DIAGRAMAÇÃO

Julio Moreira | Equatorium Design

ARTE DE CAPA

Túlio Cerquize

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

V917p

Vonnegut, Kurt, 1922-2007

Piano mecânico / Kurt Vonnegut ; tradução Daniel Pellizzari. -

1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2020.

496 p. ; 21 cm.

Tradução de : Player piano

ISBN 978-65-5560-022-3

1. Ficção americana. I. Pellizzari, Daniel. II. Título.

20-64929

CDD: 813

CDU: 82-3(73)

Camila Donis Hartmann - Bibliotecária - CRB-7/6472

[2020]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

1ª edição AGOSTO DE 2020

impressão

papel de miolo PÓLEN SOFT 70G/M²

tipografia BEMBO

Para Jane — que Deus a abençoe

Considerai como crescem os lírios do campo;
não trabalham nem fiam.
Entretanto, eu vos digo
que o próprio Salomão, no auge de sua glória,
não se vestiu como um deles.
- Mateus 6:28

Prefácio

***Este não é um livro** sobre o que é, mas um livro sobre o que poderia ser. As personagens são inspiradas em pessoas que ainda não nasceram, ou que, talvez, enquanto escrevo, ainda sejam crianças.*

É principalmente sobre gerentes e engenheiros. Nesse momento da história, em 1952 d. C., nossas vidas e nossa liberdade dependem muito da habilidade, da imaginação e da coragem de nossos gerentes e engenheiros, e espero que Deus os ajude, para que eles possam nos ajudar a permanecer vivos e livres.

Mas este livro é sobre outro momento da história, quando não existe mais guerra e...

1

Ilium, em Nova York, divide-se em três partes.

No noroeste ficam os gerentes, os engenheiros, os funcionários públicos e alguns outros profissionais. No nordeste ficam as máquinas. No sul, cruzando o rio Iroquois, fica a área conhecida como Domicílio, onde a maioria da população vive.

Se explodissem a ponte que cruza o rio Iroquois, a rotina de poucas pessoas seria afetada, porque quase ninguém tem motivos, exceto a curiosidade, para atravessá-la.

Durante a guerra, em centenas de Iliums por todo o país, gerentes e engenheiros aprenderam a conviver sem seus maridos e esposas, que tinham ido lutar. Foi o milagre que venceu a guerra: produção quase sem mão de obra. No dialeto ao norte do rio, foi o *know-how* que venceu a guerra. A democracia devia sua vida ao *know-how*.

Dez anos depois da guerra (depois que os maridos e as esposas voltaram para casa, depois que as agitações foram reprimidas, depois de milhares serem presos por conta da

legislação antissabotagem), o doutor Paul Proteus acariciava uma gata em seu escritório. Ele era a pessoa mais importante e inteligente de Ilium, o gerente das Indústrias Ilium, apesar de ter apenas 35 anos de idade. Era alto, magro, nervoso e moreno, com a beleza suave das feições alongadas escondida atrás dos óculos de armação pesada e escura.

Não se considerava nem importante nem inteligente naquele momento, e fazia um bom tempo que não se sentia assim. Sua principal preocupação agora era garantir que a gata preta ficasse feliz em seu novo ambiente.

Aqueles com idade suficiente para lembrar, mas velhos demais para competir, comentavam com afeto que o doutor Proteus era igualzinho ao pai quando jovem, e havia um consenso geral, que causava ressentimento em alguns setores, de que algum dia Paul chegaria tão longe na organização quanto seu antecessor. Quando morreu, seu pai, o doutor George Proteus, era o primeiro Diretor Nacional de Indústria, Comércio, Comunicações, Gêneros Alimentícios e Recursos do país, um cargo cuja importância se comparava apenas com a presidência dos Estados Unidos.

As chances de os genes de Proteus serem passados para uma nova geração eram praticamente nulas. A esposa de Paul, Anita, sua secretária durante a guerra, era estéril. Por ironia do destino, eles se casaram justamente depois que ela contou estar grávida, fruto de uma comemoração da vitória em um escritório abandonado.

— Assim está bom, gatinha?

Com carinho e satisfação, o jovem Proteus passou um rolo pelas costas arqueadas da gata. “HmMMM-aaaaah... bom,

hein?” Ele a tinha encontrado naquela manhã, perto do campo de golfe, e pegou-a para caçar roedores na fábrica. Justo na noite anterior, um camundongo tinha roído o isolamento de um cabo de controle e deixado os prédios 17, 19 e 21 temporariamente fora de operação.

Paul ligou o aparelho de comunicação interna.

— Katharine.

— Sim, doutor Proteus?

— Katharine, quando meu discurso estará datilografado?

— Estou fazendo isso agora, doutor. Em dez ou quinze minutos, prometo.

A doutora Katharine Finch era sua secretária e a única mulher das Indústrias Ilium. Na verdade, sua função era mais um símbolo de hierarquia do que uma ajuda concreta, embora fosse muito útil como substituta de Paul quando ele adoecia ou resolvia sair mais cedo do trabalho. Só o alto escalão (dos gerentes de fábrica em diante) tinha secretárias. Durante a guerra, os gerentes e os engenheiros perceberam que a maior parte das atividades de secretariado (assim como boa parte do trabalho dos escalões inferiores) podia ser realizada de forma mais rápida, eficiente e barata por máquinas. Anita estava prestes a ser demitida quando se casou com Paul. Agora, por exemplo, Katharine o estava irritando como máquina nenhuma irritaria, trabalhando sem a menor pressa no discurso de Paul e ao mesmo tempo, conversando com seu suposto amante, o doutor Bud Calhoun.

Bud, gerente do terminal de petróleo de Ilium, trabalhava apenas quando carregamentos saíam ou chegavam pelo rio ou pelo oleoduto, e passava a maior parte do tempo em

crises (como agora), enchendo os ouvidos de Katharine com seu sotaque eufórico e sedutor típico da Geórgia.

Paul pegou a gata pelas patas e carregou-a até a enorme janela que ia do chão até o teto, ocupando uma parede inteira.

— Tem um montão de ratos por aí, gatinha — afirmou.

Estava mostrando à gata um antigo campo de batalha pacífico. Ali, na bacia da curva do rio, os moicanos haviam vencido os algonquinos; os holandeses, os moicanos; os britânicos, os holandeses; e os americanos, os britânicos. Agora, sobre ossos, estacas apodrecidas, balas de canhão e pontas de flechas, erguia-se um triângulo de prédios de aço e alvenaria com oitocentos metros de cada lado: as Indústrias Ilium. No lugar onde antes homens haviam gritado e lutado uns contra os outros, e também iniciado uma briga sangrenta contra a natureza, agora as máquinas zuniam, zumbiam, estalavam e produziam peças para carrinhos de bebê e tampinhas de garrafa, motocicletas e geladeiras, televisores e triciclos: os frutos da paz.

Paul olhou ao longo dos telhados do grande triângulo para o brilho do sol sobre o rio Iroquois e depois para Dominicílio, onde muitos dos sobrenomes dos pioneiros ainda viviam: Van Zandt, Cooper, Cortland, Stokes...

— Doutor Proteus? — era Katharine novamente.

— Sim, Katharine.

— Acendeu de novo.

— Três no Prédio 58?

— Sim, senhor... a luz acendeu de novo.

— Certo. Ligue para o doutor Shepherd e descubra quais providências ele está tomando.

— Ele está doente. Lembra?

— Então acho que eu mesmo preciso cuidar disso. — Colocou o casaco, suspirou de tédio, pegou a gata e entrou no escritório de Katharine. — Não precisa levantar, não precisa — disse a Bud, esparramado em um sofá.

— Quem ia se levantar? — perguntou Bud.

Três paredes da sala eram cobertas do rodapé ao teto por medidores, exceto pelas portas que levavam para o saguão e para o escritório de Paul. A quarta parede, assim como no escritório de Paul, era uma janela de vidro que ocupava todo o pé-direito. Os medidores eram idênticos, do tamanho de maços de cigarro, e ficavam empilhados como tijolos, todos rotulados por uma placa de metal brilhante. Cada um deles se conectava a um conjunto de máquinas em algum ponto da fábrica. Uma joia vermelha e reluzente chamava a atenção no sétimo medidor de baixo para cima, quinta fileira à esquerda, na parede leste.

Paul deu um tapinha com os dedos no medidor.

— Ah, sim; isso de novo. O número três, no 58, está recebendo refugos. — Verificou os outros instrumentos. — Acho que é só isso, certo?

— Só esse.

— O que você vai fazer com esse gato? — quis saber Bud.

Paul estalou os dedos.

— Olha, que bom que você perguntou. Tenho um projeto para você, Bud. Quero algum tipo de instrumento sinalizador que seja capaz de indicar a esta gata onde encontrar algum rato.

— Eletrônico?

— Espero que sim.

— Você vai precisar de algum elemento sensível ao cheiro de um rato.

— Ou camundongo. Quero que você se encarregue disso enquanto eu estiver fora.

Enquanto caminhava sob a luz pálida de março até o carro, Paul percebeu que Bud Calhoun *deveria* criar um alarme de roedores (compreensível para um gato) para quando ele voltasse ao escritório. Às vezes Paul se perguntava se Calhoun não teria sido mais feliz em algum outro período histórico, mas a certeza sobre a existência de Bud naquele momento estava fora de questão. Bud tinha uma mentalidade considerada peculiarmente americana desde o nascimento da nação: o *insight* e a imaginação incansáveis e inconstantes de um criador de geringonças. Os dias atuais eram o clímax, ou quase isso, de gerações de Bud Calhouns, com praticamente toda a indústria americana integrada em uma única e estupenda máquina de Rube Goldberg.

Paul parou ao lado do carro de Bud, estacionado junto ao seu. Bud já havia lhe mostrado inúmeras vezes as funções especiais daquele automóvel, e Paul se divertiu em fazer com que a máquina trabalhasse.

— Vamos — disse ao carro.

Com um zumbido e um estalo a porta se abriu.

— Entre — disse uma gravação vinda do painel.

A ignição girou, o motor deu a partida e atingiu a rotação correta, e o rádio começou a tocar.

Com cuidado, Paul apertou um botão na coluna do volante. Um motor ronronou, as engrenagens emitiram um murmúrio suave, e os dois assentos dianteiros reclinaram lado a lado como amantes sonolentos. Paul ficou tão chocado quanto da vez em que viu uma mesa de operações para cavalos em um hospital veterinário, para onde o cavalo era conduzido até ficar ao lado da mesa inclinada na vertical, amarrado a ela, anestesiado e em seguida tombado para a posição operatória pelas engrenagens da própria mesa. Conseguia enxergar Katharine Finch afundando, afundando, afundando, enquanto Bud, com o dedo no botão, sussurrava. Paul ergueu os assentos usando outro botão.

— Adeus — disse ao carro.

O motor parou, o rádio piscou e desligou, e a porta bateu.

— Não aceite moedas de madeira — advertiu o carro enquanto Paul entrava no próprio veículo. — Não aceite moedas de madeira, não aceite moedas de madeira, não aceite...

— Não vou aceitar!

O carro de Bud ficou quieto, aparentemente em paz.

Paul dirigiu pela avenida ampla e limpa que dividia o complexo ao meio e observou os números dos prédios passando rapidamente. Um furgão, buzinando e com os passageiros acenando para ele, cruzou em alta velocidade na direção oposta, brincando de ziguezaguear na rua deserta rumo ao portão principal. Paul deu uma olhada no relógio. Era o pessoal do segundo turno saindo do trabalho. Ficou incomodado com a imaturidade apresentada pelo perfil dos jovens necessários para manter o complexo industrial em funcionamento. Cauteloso, repetiu para si mesmo que quando ele,

Finnerty e Shepherd tinham vindo trabalhar nas Indústrias Ilium, treze anos antes, eram bem mais maduros, menos prepotentes e, sem a menor dúvida, desprovidos do sentimento de pertencer a uma elite.

Algumas pessoas, incluindo o famoso pai de Paul, haviam feito comentários nos velhos tempos acerca de engenheiros, gerentes e cientistas pertencerem a uma elite. E quando as coisas estavam se encaminhando rumo à guerra, reconheceu-se que o *know-how* americano era a única resposta ao vasto número do possível inimigo. Por isso, foi sugerida a construção de abrigos mais sólidos e profundos para quem tinha *know-how*, para manter essa suposta nata da população bem longe dos combates na linha de frente. Mas poucos levaram a sério essa ideia de elite. Quando Paul, Finnerty e Shepherd se formaram na faculdade, no início da guerra, sentiram constrangimento por não irem lutar e respeito por aqueles que foram. Mas, agora, essa conversa de elite, essa garantia de superioridade, esse senso de correção moral sobre uma hierarquia encabeçada por gerentes e engenheiros era transmitida sem a menor cerimônia para todos os formandos.

Paul se sentiu melhor ao chegar no Prédio 58, uma estrutura longa, com quatro quarteirões de extensão. Era um lugar de estimação para ele. Tinha recebido orientações para demolir e reconstruir o setor norte do Prédio, mas convenceu o quartel-general a não fazer isso. O setor norte era a construção mais antiga do complexo, e Paul o tinha salvado por causa, de acordo com sua argumentação, do interesse histórico para os visitantes. Mas ele não gostava de excursionistas e desencorajava qualquer visita, e, na verdade, tinha

defendido o setor norte do Prédio 58 para si mesmo. Era a oficina original criada por Edison em 1886, mesmo ano em que ele abriu outra em Schenectady, e visitar aquele local diminuía o impacto dos seus episódios de depressão. Para ele, era como se fosse um voto de confiança diretamente do passado, como se o passado admitisse que tinha sido humilde e ruim, e que, se alguém comparasse o antigo com o novo, perceberia que a humanidade tinha realmente evoluído bastante. Paul precisava dessa segurança de vez em quando.

Refletindo objetivamente, Paul tentava se convencer, as coisas realmente estavam melhores do que nunca. Pela primeira vez, depois do imenso banho de sangue da guerra, o mundo estava realmente limpo de terrores não naturais: fome, encarceramento, tortura, assassinato. Objetivamente, o *know-how* e a legislação global estavam recebendo sua tão esperada chance de transformar a Terra em um lugar agradável e conveniente para se aguardar o Juízo Final.

Paul queria ter ido para a linha de frente e ouvido a balbúrdia e as explosões sem sentido, visto os feridos e os mortos, talvez ter recebido um estilhaço na perna. Talvez assim ele fosse capaz de entender como agora tudo era bom em comparação ao que era antes, de ver o que parecia tão claro para os outros: que aquilo que ele estava fazendo, tinha feito e seguiria fazendo como gerente e engenheiro era essencial, acima de qualquer suspeita, e tinha, de fato, iniciado uma era de ouro. Nos últimos tempos, seu trabalho, o sistema e a política organizacional o deixavam aborrecido, entediado ou nauseado.

Paul parou na parte antiga do Prédio 58, que agora era preenchida por máquinas de soldagem e um banco de tran-

çadores de isolamento. Acalmava-o olhar para cima e ver as vigas de madeira irregulares, com antigas marcas de carpintaria por baixo do gesso descascando, e as paredes opacas de tijolos macios o suficiente para homens, sabe Deus há quanto tempo, gravarem suas iniciais: KTM, DG, GP, BDH, HB, NNS. Como costumava fazer quando visitava o Prédio 58, Paul fingiu por um instante ser Edison, de pé no umbral de um prédio de tijolos abandonado nas margens do Iroquois, com o vento de inverno varrendo o campo de sorgo no lado de fora. As vigas ainda tinham as marcas do que Edison tinha feito com o prédio abandonado: buracos de parafuso mostravam onde ficavam hastes suspensas que carregavam energia para um emaranhado de correias, e o piso de madeira estava preto de óleo e marcado pelos pés das máquinas rudimentares que as correias tinham posto em movimento.

Na parede de seu escritório, Paul tinha uma fotografia de como era oficina em seu início. Todos os empregados, em sua maior parte recrutados das fazendas vizinhas, haviam posado lado a lado em meio ao aparato rudimentar, quase que transbordando de orgulho, ridículos com seus colarinhos engomados e chapéus-coco. Ao que parecia, o fotógrafo estava acostumado a fotografar equipes de atletas e fraternidades, pois a imagem transmitia o espírito de ambas, como era moda na época. Em cada rosto havia uma promessa desafiadora de força física e, ao mesmo tempo, um clima de sociedade secreta, separada e acima da sociedade por conta da participação em ritos importantes e comoventes, sobre os quais os leigos podiam apenas emitir palpites, e palpites errados. O orgulho da força e de um mistério importante não

era menos evidente nos olhos dos varredores do que nos dos maquinistas e inspetores, nem nos do capataz, o único que não carregava uma marmita.

Uma campainha soou, e Paul deu um passo para o lado, enquanto o aspirador se sacudiu nos trilhos, erguendo uma nuvem de poeira com vassouras giratórias e aspirando a nuvem com seu focinho voraz. A gata nos braços de Paul puxou fios de seu terno com as unhas e chiou para a máquina.

Os olhos de Paul começaram a ficar incomodados, causando uma sensação de agulhamento, e ele percebeu que estivera observando o brilho e as centelhas das máquinas de soldagem sem proteger os olhos. Então, ele prendeu lentes escuras sobre os seus óculos e avançou a passos largos em meio ao odor antisséptico de ozônio, em direção ao agrupamento de tornos mecânicos número três, que ficava no centro do prédio, na parte nova.

Parou por um instante ao lado do último agrupamento de máquinas de soldagem e desejou que Edison pudesse estar ali com ele para ver aquilo. O velho ficaria encantado. Duas chapas de aço foram arrancadas de uma pilha e jogadas com barulho em uma esteira; deslizaram até serem apanhadas por mãos mecânicas e enfiadas na máquina de soldagem. Os cabeçotes de soldagem se abaixaram, cuspiram e voltaram a se erguer. Uma bateria de células fotelétricas estudou a união das duas chapas e sinalizou para um mostrador no escritório de Katharine que tudo estava em ordem com o agrupamento de máquinas de soldagem número cinco no Prédio 58, e as chapas soldadas deslizaram por outra esteira até as mandíbulas do agrupamento de prensas perfuradoras no porão. De

dezessete em dezessete segundos, cada uma das doze máquinas do agrupamento completava um ciclo.

Olhando ao longo do Prédio 58, pareceu a Paul um amplo ginásio, onde incontáveis grupos praticavam exercícios calistênicos de precisão: bamboleios, rodopios, saltos, impulsos, ondulações... Paul amava isso na nova era: as próprias máquinas eram divertidas e encantadoras.

Curioso, ele abriu a caixa de controle do agrupamento de máquinas de soldagem e viu que elas estavam configuradas para funcionar por mais três dias. Depois disso elas desligariam automaticamente, até Paul receber novas ordens do quartel-general e transmitir tudo ao doutor Lawson Shepherd, segundo na hierarquia do comando e responsável pelos Prédios 53 a 71. Shepherd, que estava doente naquele dia, configuraria então os controles para um novo lote de partes traseiras de refrigerador: tantas quantas a EPICAC, uma máquina de computação nas cavernas de Carlsbad, sentisse que a economia seria capaz de absorver.

Enquanto usava seus dedos longos e esguios para tranquilizar a gata, Paul ficou imaginando, sem se importar muito, se Shepherd estaria mesmo doente. Certamente não. O mais provável é que ele estivesse se encontrando com pessoas importantes, na tentativa de ser transferido para um cargo que não fosse subalterno a Paul.

Shepherd, Paul e Edward Finnerty chegaram juntos a Ilium, ainda jovens. Agora, Finnerty lidava com coisas grandiosas em Washington; Paul tinha recebido o cargo mais alto em Ilium; e Shepherd, rabugento e reclamão, mas eficiente, foi humilhado com o cargo de segundo em comando, logo

abaixo de Paul. Transferências eram decididas pelo escalão mais alto, e Paul rezava para que Shepherd conseguisse uma.

Paul chegou ao agrupamento de tornos mecânicos número três, o grupo problemático que tinha ido conferir. Fazia tempo que ele tentava aposentar aquele agrupamento, mas sem muito sucesso. Eram tornos de modelo antigo, construídos originalmente para serem controlados por humanos, que foram adaptados às novas técnicas de qualquer jeito durante a guerra. Estavam perdendo a precisão e, como indicou o mostrador no escritório de Katharine, produziam cada vez mais refugos. Paul poderia apostar que esse agrupamento de tornos tinha dez por cento da ineficácia dos tempos de controle humano e montanhas de rebotalhos.

O agrupamento, cinco fileiras com dez máquinas cada uma, movia suas ferramentas em sincronia ao longo de barras de aço, ejetava hastes finalizadas sobre esteiras contínuas, parava enquanto barras brutas caíam entre seus mandris e cabeçotes móveis, fixava as braçadeiras e movia as ferramentas ao longo das barras, ejetando as hastes finalizadas sobre...

Paul destrancou a caixa onde a fita gravada que controlava todas as máquinas ficava. A fita era um *loop* curto que girava continuamente entre cabeçotes magnéticos. Nela havia as gravações dos movimentos de um torneiro mecânico produzindo uma haste para um pequeno motor a combustão. Paul contou: onze, doze, treze anos antes ele tinha participado da produção da fita, a original, a partir da qual esta tinha sido feita...

Ele, Finnerty e Shepherd, com a tinta nos diplomas de doutorado ainda fresca, tinham sido enviados a uma das ofi-

cinas para fazer a gravação. O capataz apontou seu melhor funcionário (*qual* era mesmo o nome dele?) e, brincando com o torneiro confuso, os três jovens brilhantes ligaram os dispositivos de gravação nos controles do torno. Hertz! Era esse o nome do torneiro: Rudy Hertz, um veterano que estava prestes a se aposentar. Paul se lembrou do nome e do respeito que o velho tinha mostrado para com os jovens.

Em seguida, pediram ao capataz que Rudy fosse liberado e, num espírito impetuoso e extravagante de democracia industrial, levaram-no para tomar uma cerveja do outro lado da rua. Rudy não tinha entendido muito bem para que serviam os dispositivos de gravação, mas tinha gostado do pouco que havia entendido: que ele, dentre milhares de torneiros, tinha sido escolhido para ter seus movimentos eternizados em fita.

E ali, agora, naquele pequenino *loop* dentro da caixa diante de Paul, estava Rudy como Rudy estivera em seu torno naquela tarde: Rudy, o controlador de energia, o seletor de velocidades, o operador da ferramenta de corte. Aquela era a essência de Rudy no que dizia respeito à máquina, no que dizia respeito à economia, no que dizia respeito ao esforço de guerra. A fita era a essência destilada do homem baixo e educado com mãos enormes e unhas pretas; do homem que achava que o mundo poderia ser salvo se todos lessem um versículo da Bíblia por noite; do homem que adorava um cachorro, já que não tinha filhos; do homem que... O que mais Rudy tinha dito naquela tarde? Paul supôs que o velho já deveria estar morto ou vivendo sua segunda infância em Domicílio.

Agora, atrelando tornos a um painel principal e alimentando-os com sinais da fita, Paul podia fazer a essência de Rudy Hertz produzir uma, dez, cem ou mil hastes.

Paul fechou a caixa. A fita parecia estar em boas condições, assim como os cabeçotes. Na verdade, tudo estava no melhor estado que se poderia esperar de máquinas tão antigas. Sempre haveria alguns refugos, e não havia solução para isso. O agrupamento inteiro deveria estar em um museu, não em uma linha de produção. Até a caixa de controle era arcaica: mais parecia um cofre aparafusado no piso, com uma porta de aço e uma tranca. Na época das agitações, logo depois da guerra, todas as gravações originais tinham sido armazenadas dessa forma. Agora, com as leis antissabotagem sendo cumpridas com tanta rigidez, as únicas proteções de que os controles precisavam eram contra poeira, baratas e roedores.

Na porta, de volta à parte antiga da instalação, Paul parou por um instante para ouvir a música do Prédio 58. Por muitos anos ele teve a ideia de contratar um compositor para fazer algo com aquilo: a *Suíte do Prédio 58*. Era uma música dura e latina, com ritmos frenéticos, crescendo e diminuindo, um som caleidoscópico. Paul tentou separar e identificar os temas. Pronto! Os agrupamentos de tornos eram os tenores: “*Fãr-razz-au-au-au-au-ac! Tching! Fãr-razz-au-au...*” Os soldadores eram os barítonos: “*Vaaaaaaa-zuzip! Vaaaaaaa-zuzip!*” E, com o porão funcionando como câmara de eco, as prensas de perfuração eram os baixos: “*Au-gramp! Tônca-tonca. Au-gramp! Tônca-tonca.*” Era uma música empolgante, e Paul, com o rosto corado e sem sinal de suas vagas ansiedades, entregou-se a ela.

De canto de olho, percebeu um movimento giratório descontrolado e se virou com fascínio para observar um aglomerado de mastros em miniatura confeccionar um tecido de isolamento brilhante em volta de um cabo que parecia uma serpente negra. Milhares de pequenos dançarinos rodopiavam em sequência a velocidades incríveis, dando piruetas, desviando um do outro, construindo com perfeição sua armadilha compacta ao redor do cabo. Paul riu daquelas máquinas fabulosas e precisou desviar o olhar para não ficar tonto. Nos velhos tempos, quando mulheres vigiavam as máquinas, algumas das mais ingênuas foram encontradas sentadas e imóveis em seus postos de trabalhos, olhando fixamente para o movimento, mesmo muito tempo depois do fim do expediente.

Seu olhar recaiu sobre um coração assimétrico rabiscado nos velhos tijolos, e no centro havia as iniciais “K.L.-M.W.” e a data, “1931”. Então, K.L. e M. W. tinham se apaixonado no ano da morte de Edison. Paul voltou a pensar em como seria divertido levar o velho para um passeio no Prédio 58, e de repente se deu conta de que a maior parte daquele maquinário seria velharia até para Edison. As trançadeiras, as soldadoras, as prensas perfuradoras, os tornos, as esteiras: quase tudo que se via por ali já existia na época de Edison. As peças básicas dos controles automáticos também, e as células fotoelétricas e outros elementos que faziam melhor o que os sentidos humanos tinham feito pela indústria no passado: tudo já era bem familiar nos círculos científicos na década de 1920. Tudo que havia de novo era uma combinação desses elementos. Paul guardou isso na cabeça para mencionar em sua palestra no Country Club à noite.

A gata arqueou as costas e voltou a arranhar o paletó de Paul. O aspirador de pó descia bufando pelo corredor, voltando para perto deles. O alarme apitou, e Paul desviou de seu caminho. A gata chiou, arranhou com as garras a mão de Paul e saltou. Com as patas duras, quase ricocheteando, foi parar na frente da máquina. Máquinas que batiam, piscavam, estalavam e gritavam deixaram-na presa bem no meio do corredor, a poucos metros das vassouras barulhentas do aspirador. Paul procurou freneticamente pelo interruptor que desligaria as vassouras, mas, antes de encontrá-lo, a gata assumiu uma posição de combate. Ela encarou o aparelho, que chegava cada vez mais perto, e mostrou seus dentes finos como agulhas, a ponta da cauda serpenteando de um lado para o outro. O *flash* de uma soldadora piscou a centímetros de seus olhos, e o aspirador a engoliu e arremessou, guinchando-a e arranhando-a, para dentro de seu ventre de metal galvanizado.

Ofegante depois de uma corrida de quatrocentos metros ao longo do prédio, Paul alcançou o aspirador bem quando ele se aproximou de uma esteira. O aparelho vomitou a gata na rampa da esteira, e ela deslizou até um vagão de carga no lado de fora. Quando Paul saiu, a gata tinha escalado a lateral do vagão de carga e se estatelado no chão, e agora escalava desesperadamente uma cerca.

— Não, gatinha, não! — gritou Paul.

A gata esbarrou no fio de alarme da cerca, e as sirenes dispararam na guarita. No segundo seguinte, ela esbarrou nos fios elétricos no topo da cerca. Depois de um estalo e um clarão verde, a gata voou por cima da cerca como se alguém a

tivesse arremessado. Desabou no asfalto: morta e fumegante, mas no lado de fora.

Um carro blindado, com uma torre de metralhadora girando nervosa de um lado para o outro, parou resmungando ao lado do pequeno cadáver. A portinhola da torre se abriu rangendo, e um guarda do complexo levantou a cabeça, cauteloso.

— Tudo certo, doutor?

— Desligue as sirenes. Era só uma gata na cerca. — Paul se ajoelhou e olhou para a gata pela grade da cerca, totalmente transtornado. — Pegue a gata e leve para o meu escritório.

— Como assim, doutor?

— A gata... quero que você a leve até meu escritório.

— Ela está morta, doutor.

— Você me ouviu.

— Sim, senhor.

Paul estava arrasado novamente quando entrou em seu carro na frente do Prédio 58. Não havia nada por ali para servir de distração, nada além de asfalto, uma perspectiva de fachadas em branco numeradas e fiapos de cirros em uma faixa de céu azul e frio. Paul avistou de relance a única vida à vista por ali no meio de um cânion estreito entre os Prédios 57 e 59, um cânion que se abria para o rio e revelava uma fileira de varandas cinzas em Domicílio. Na varanda mais alta, um velho se balançava sob um pedacinho de luz do sol. Uma criança encostou no parapeito e soltou um quadrado de papel, que caiu preguiçoso e oscilante na margem do rio. O menino desviou o olhar do papel, e seus olhos encontraram os de Paul. O homem mais velho parou de se balançar

e também olhou para aquela raridade: uma coisa viva nas Indústrias Ilium.

Quando Paul passou pela mesa de Katharine Finch a caminho de seu escritório, ela lhe entregou o discurso datilografado.

— Muito bom isso que você disse sobre a Segunda Revolução Industrial — comentou a secretária.

— Coisa velha, bem velha.

— Para mim pareceu novidade... estou falando da parte em que você comenta como a Primeira Revolução Industrial desvalorizou o trabalho braçal, depois como a Segunda desvalorizou o trabalho intelectual rotineiro. Fiquei fascinada.

— Norbert Wiener, um matemático, disse tudo isso na década de 1940. Parece novidade porque você é jovem demais para saber como as coisas eram antes.

— Na verdade, parece inacreditável que algum dia as coisas tenham sido de outro jeito, não acha? Era tão ridículo manter as pessoas presas no mesmo lugar o dia inteiro, apenas usando os sentidos, e então um reflexo, usando os sentidos, e então um reflexo, e na verdade sem pensar em nada.

— Era caro — disse Paul — e tão preciso quanto uma régua de vidraceiro. Imagine como era a pilha de refugos, e o inferno que era ser gerente naquela época. Ressacas, brigas de família, ressentimentos com o chefe, dívidas, a guerra... todo tipo de problema humano acabava aparecendo de alguma forma nos produtos. — Ele sorriu. — E a felicidade também. Lembro quando precisávamos pensar nos feriados, especialmente na época do Natal. Não havia nada a fazer,

senão aceitar. A pilha de refugos começava a aumentar no dia cinco de dezembro e subia cada vez mais até o Natal. Então vinha o recesso, depois uma taxa de refugos altíssima; então o ano-novo, e finalmente um nível de refugos apavorante. Depois as coisas iam melhorando aos poucos até voltarem ao normal, que já era bem ruim, por volta de quinze de janeiro. Tínhamos de levar em conta essas variáveis na hora de decidir o preço de um produto.

— Você acha que vai acontecer uma Terceira Revolução Industrial?

Paul se deteve na porta do escritório.

— Terceira? E como seria?

— Não sei ao certo. A Primeira e a Segunda devem ter sido meio impensáveis em algum momento.

— Para as pessoas que seriam substituídas pelas máquinas, talvez. Uma terceira revolução, é? De certo modo, acho que ela vem acontecendo há algum tempo se você considerar máquinas pensantes. Acho que essa seria a Terceira Revolução: máquinas que desvalorizam o pensamento humano. Alguns dos grandes computadores, como a EPICAC, fazem isso muito bem, em áreas especializadas.

— Hmmm — murmurou Katharine, pensativa. Bateu um lápis contra os dentes. — Primeiro o trabalho braçal, depois o trabalho de rotina, e então, talvez, o verdadeiro trabalho intelectual.

— Espero não estar mais aqui quando esse último passo chegar. Falando em revoluções industriais, cadê o Bud?

— Uma barça estava chegando, ele precisou voltar ao trabalho. Mas deixou isto para você. — Katharine en-

tregou a Paul um canhoto de lavanderia amassado, com o nome de Bud.

Paul virou o canhoto e encontrou, como esperava, um diagrama elétrico para um sistema de alarme e detecção de roedores que poderia funcionar muito bem.

— Uma mente impressionante, Katharine.

Ela assentiu, incerta.

Paul fechou a porta, trancou-a silenciosamente e pegou uma garrafa que estava escondida debaixo de papéis na última gaveta. Perdeu a consciência por um instante, sob o impacto glorioso do calor de um gole de uísque. Escondeu a garrafa novamente, os olhos marejados.

— Doutor Proteus, sua esposa está na linha — anunciou Katharine pelo interfone.

— Proteus falando — disse ao atender enquanto se sentava, incomodado ao perceber que havia um cestinho de palha em sua cadeira contendo o cadáver de uma gata preta.

— Sou eu, querido. Anita.

— Oi, oi, oi. — Paul colocou o cestinho no chão com cuidado e afundou na cadeira. — Como você está, meu amor? — perguntou, distraído, ainda pensando na gata.

— Tudo pronto para hoje à noite? — Era um contralto teatral, cúmplice e entusiasmado: a voz da Dama do Solar de Ilium.

— Passei o dia nervoso pensando na palestra.

— Vai ser brilhante, querido. Você ainda vai chegar a Pittsburgh. Não tenho a menor dúvida disso, Paul, nenhuma dúvida mesmo. Espere só até Kroner e Baer ouvirem você hoje à noite.

— Kroner e Baer aceitaram, né?

Os dois eram, respectivamente, gerente e engenheiro-chefe de toda a Divisão Leste, da qual as Indústrias Ilium eram apenas uma pequena parte. Kroner e Baer eram os responsáveis por decidir quem conseguiria o cargo mais importante da divisão, um que estava vago havia duas semanas por motivo de morte: a gerência das Indústrias Pittsburgh.

— Que divertida será a festa, não é mesmo?

— Bem, se isso não te agrada, tenho uma novidade que você vai gostar. Haverá outro convidado muito especial.

— Ai, ai.

— E você precisa ir até Domicílio para conseguir uísque irlandês para ele. O clube não tem.

— Finnerty! Ed Finnerty!

— Sim, Finnerty. Ele telefonou hoje à tarde e foi muito claro ao pedir que você leve uísque irlandês para ele. Está indo de Washington para Chicago e vai fazer uma parada aqui.

— Quanto tempo faz, Anita? Cinco, seis anos?

— Desde antes de você virar gerente. Faz *tempo*.

Ela estava alegre, empolgada com a vinda de Finnerty. Isso deixou Paul incomodado, pois ele sabia muito bem que ela não dava a mínima para Finnerty. Estava entusiasmada daquele jeito não por gostar do sujeito, mas por apreciar os rituais de amizade, os quais ela não tinha. Além disso, quando deixou Ilium, Ed Finnerty se tornou um homem importante, membro do Conselho Nacional de Planejamento Industrial; e esse fato sem dúvida ajudava-a a esquecer os contratemplos com Finnerty no passado.

— Você tem razão, Anita, são boas notícias. Maravilhosas. Compensa Kroner e Baer.

— Olha, mas você também precisa ser simpático com eles.

— Ah, sim. Pittsburgh, aí vamos nós.

— Se eu te contar uma coisa para o seu próprio bem, você promete que não vai ficar bravo?

— Não.

— Tudo bem, vou contar assim mesmo. Hoje cedo, Amy Halporn disse ter ouvido alguma coisa sobre você e Pittsburgh. O marido dela se encontrou com Kroner hoje, e Kroner disse estar com a impressão de que você *não* quer ir para Pittsburgh.

— Como ele quer que eu peça? Em esperanto? Já falei mil vezes que eu quero esse cargo.

— Ao que parece, Kroner não acredita que você estava falando sério. Você foi sutil e modesto demais, querido.

— Kroner é mesmo um sujeito brilhante.

— Como assim?

— Ele sabe mais de mim do que eu mesmo.

— Então você não quer a vaga de Pittsburgh?

— Não tenho certeza. Parece que ele descobriu isso antes de mim.

— Você está cansado, querido.

— Acho que sim.

— Você precisa de um drinque. Venha para casa mais cedo.

— Certo.

— Eu te amo, Paul.

— Eu *também* te amo, Anita. Tchau.

Anita tinha completo domínio das mecânicas do casamento, mesmo nas convenções mais sutis. Quando sua abordagem era muito racional e sistemática, ela tomava o cuidado de fingir uma ternura verossímil. Paul podia apenas suspeitar que os sentimentos da esposa eram rasos, e talvez essa suspeita fizesse parte do que ele estava começando a enxergar como uma doença.

Quando desligou o telefone, estava de cabeça baixa e olhos fechados. Ao abrir os olhos, viu a gata morta no cesto.

— Katharine!

— Sim, senhor.

— Arranje alguém para enterrar esta gata.

— Estávamos mesmo imaginando o que o senhor queria fazer com ela.

— Só Deus sabe o que eu tinha em mente. — Paul olhou para o cadáver e sacudiu a cabeça. — Só Deus sabe. Talvez um enterro cristão. Talvez eu esperasse que ela desse a volta por cima. Dê um jeito nela agora mesmo, por favor.

Quando estava indo embora, ele parou ao lado da mesa de Katharine e pediu a ela que não se preocupasse com a joia brilhante no sétimo mostrador de baixo para cima, na quinta fileira à esquerda da parede leste.

— Não há mais o que fazer — explicou.

O agrupamento de tornos número três do Prédio 58 tinha sido bom na época, mas estava mostrando sinais de desgaste e se tornando um empecilho em um sistema eficiente e ágil, que não permitia comportamentos instáveis.

— Basicamente, aquelas máquinas não foram criadas para o trabalho que estão fazendo. Mais cedo ou mais tarde a campainha vai tocar, e isso vai ser o fim — explicou ele.

Em cada mostrador, além do instrumento, da joia e da lâmpada de alarme, havia uma campainha. A campainha sinalizava a perda completa de uma unidade.

Em um futuro não muito distante, pós uma nem tão distópica Terceira Guerra Mundial, as máquinas finalmente venceram. Quase tudo foi automatizado e logo a sociedade se dividiu sob um novo sistema de estratificação não mais baseado em dinheiro, mas sim em inteligência. De acordo com seu QI e capacidade intelectual, os indivíduos são classificados e registrados em um cartão perfurado e sua posição social — um destino de glória ou esquecimento — só pode ser definida a partir da análise desses dados.

Do lado dos privilegiados — engenheiros e gerentes — o doutor Paul Proteus leva uma vida confortável no alto escalão das Indústrias Ilium, o maquinário que controla toda a vida da cidade homônima. Sua casa confortável, o prestígio entre os pares, a esposa atenciosa e dentro dos padrões: absolutamente tudo está em seu devido lugar e a ordem impera. A visita inesperada do inquieto e inconformado Ed Finnerty, um ex-colega de trabalho, promove um abalo sísmico em Paul e suas consequências, a princípio restritas à psique, logo se transformam em uma ameaça não apenas ao seu estilo de vida, mas ao de toda a estrutura que o cerca.

Quando atravessa o rio que divide a cidade e suas castas, Paul vê com os próprios olhos como é a vida de quem foi excluído do sistema. Mais do que uma crítica à automação e ao progresso desenfreado das tecnologias, Piano mecânico é um livro sobre o desconforto inerente que toda estrutura social causa ao homem moderno. Escrito logo após a publicação de 1984, livro pelo qual Vonnegut admitiu ter sido fortemente influenciado, a obra compartilha com Orwell a ansiedade do pós-guerra e o medo de que, em tempos de paz, as nações venham a se submeter a níveis potencialmente paranoicos de controle social.

SAIBA MAIS EM:

www.intrinseca.com.br/livro/982